



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação de Estudos

**Reflexão antropológica sobre as redes sociais e xitique: estudo de caso no
Mercado Grossista do Zimpeto**

Candidata: Florência Santos Tovela

Supervisora: Mestre Sónia Seuane

Maputo, Dezembro de 2022

Trabalho de Culminação de Estudos

**Reflexão antropológica sobre as redes sociais e xitique: estudo de caso no
Mercado Grossista do Zimpeto**

Candidata

Florência Santos Tovela

O Júri

A Supervisora

O Presidente

A Oponente

Maputo, Dezembro de 2022

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. O mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau acadêmico.

Florência Santos Tovela

Maputo, Dezembro de 2022

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Santos Tovela e Argentina Mutimucuío, e aos meus avós, Francisco Mutimucuío, José Tovela, Isabel Mutimucuío e Florinda Tivane.

Agradecimentos

A Deus, por ter-me iluminado nesta caminhada, aos meus pastores pelas orações e por ter-me dado pais carinhosos e atenciosos, que conseguiram educar-me e dar-me apoio material e moral.

Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane por todos ensinamentos dados durante os quatro anos de duração do curso.

À minha orientadora Mestre Sónia Seuane, pela paciência, atenção, dedicação, ensinamentos e sugestões na orientação deste trabalho. Aos participantes do estudo, por terem permitido compartilhar as suas experiências.

A Doutora Margarida Paulo, que teceu comentários importantes para a finalização deste trabalho, pela disponibilidade interesse dedicação que demonstrou na finalização deste trabalho, que permitiu-me reflectir sobre o que estava a escrever.

A todas as pessoas que aceitaram partilhar suas experiências que contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha mãe Argetina Mutimucui e ao meu pai Santos Tovela pelo apoio incondicional. Ao meu irmão Jackson Tovela, pelo apoio incondicional. Ao meu noivo Elson Cumaio, pela paciência e apoio. Às minhas irmãs Anicia Tovela, Isabel Tovela, Argentina Tovela, meus sobrinhos e meu filho, Flyson Elson Cumaio, pelo apoio moral e material.

Aos meus colegas de Turma de Antropologia (2016), em especial ao meu grupo de estudo, que sempre apoiou-me, pelo esclarecimento de dúvidas e colaboração na discussão dos textos e assuntos do quotidiano, em especial Stélio Jotamo, Humberto Chihungo, Gilda Pedro, Helena Mabote, Estrela Chichango, Noêmia Alberto, Sérgio Mabdjaia, Otília Igreja, Márcia Chirindza, Julião Juai, Salomão Nicasse e Ricardo Kupussa.

Às minhas amigas Lina Matusse, Brigida Comé, Nilza Mugabe, Ines Machanisse e Anabela Magumane, pelos momentos de conversa, convívio e apoio moral.

A todos, que directa ou indirectamente contribuíram para o sucesso deste trabalho.

Resumo

O objectivo do trabalho é analisar o *xitique* como prática cultural e como este é construído com base em redes sociais entre os vendedores do Mercado de Grossista do Zimpeto. Esta é uma pesquisa qualitativa, realizada com recurso à entrevista semi-estruturada, os vendedores do mercado, da qual foram seleccionados 30 participantes por conveniência. Os participantes fazem parte do *xitique* por razões económicas, entretanto, há também motivações tais como a necessidade de socialização e confraternização. O *xitique* é uma prática de entreaajuda que consiste na realização de uma contribuição de quotas, de forma periódica e rotativa entre os membros de um determinado grupo. O pagamento de *xitique* não tem que ser necessariamente monetário, havendo casos em que essa contribuição se traduz em bens materiais. Os fundos circulam entre os seus membros e a sua colecta e distribuição funcionam na base da confiança e empatia ao mesmo tempo que obriga cada membro do grupo fazer poupança de um montante predeterminado e dentro de periodicidade previamente definida. Pode-se compreender que o *xitique* não somente é uma instância económica, mas também social cujos participantes desenvolvem relações coesas e produtivas. As pessoas que praticam o *xitique* também mencionaram que o *xitique* proporciona-lhes dignidade, sustento, alimentação e outros bens que necessitam. Ademais, a dignidade, o sustento, alimentação e a capacidade de criar e alcançar objectivos estão presentes nos resultados concretos dos *xitiques* em que cada entrevistado faz parte.

Palavras-chave: Xitique; rede social; cultura; vendedores.

Índice

1. Introdução.....	1
1.2 Problemática.....	1
1.2 Perguntas de partida.....	4
1.3 Objectivos.....	4
1.3.1 Objectivo geral:.....	4
1.3.2 Objectivos específicos:.....	4
1.4 Justificativa.....	5
2. Revisão de literatura.....	6
2.1 Cultura.....	6
2.2 <i>Xitique</i>	8
2.2.1 <i>Xitique</i> associativo.....	1
2.2.2 <i>Xitique</i> de cartão.....	1
2.2.3 <i>Xitique</i> entre mulheres.....	14
2.3 Redes sociais.....	15
2.3.1 <i>Xitique</i> como uma rede social.....	17
3 Metodologia.....	14
3.1 Técnicas de recolha de dados.....	14
3.2 Procedimentos de recolha de dados.....	18
3.3 Descrição do local de pesquisa.....	18
3.4 Variáveis da pesquisa.....	19
4 Análise e discussão dos dados.....	20
4.1 Perfil dos participantes.....	20
4.2 <i>Xitique</i> como criação de redes sociais.....	18
4.3 A sociabilidade como essência do <i>xitique</i>	21
5. Conclusões.....	18
Referências bibliográficas.....	19
Apendênces.....	21

1. Introdução

O presente trabalho tem como tema “*Reflexão antropológica sobre as redes sociais e xitique: estudo de caso no Mercado Grossista do Zimpeto*”. Neste busca-se compreender as novas dinâmicas da prática de *Xitique* a partir das percepções entre as vendedeiras do mercado de grossista do Zimpeto.

A escolha deste tema foi motivada pelos debates tidos nas aulas em torno das redes sociais, que é um conceito ligado às relações entre as pessoas dentro de um contexto social. Neste âmbito, percebeu-se que os praticantes de *xitique* constituem uma rede social, passível de ser estudada. Adicionalmente, a escolha foi movida pela necessidade de compreender as motivações que fazem com que as pessoas adiram às práticas de *xitique*.

Acredito que a discussão sobre os grupos de poupança seja relevante para compreensão das suas diversas manifestações. Portanto, este estudo também ajuda a perceber como as práticas do *xitique* podem influenciar no desenvolvimento pessoal e no estabelecimento ou fortalecimento das redes sociais, porque existem poucos estudos que abordam sobre o assunto, sobretudo relacionados a locais como os mercados informais e formais como o caso do mercado grossista do Zimpeto.

Outra motivação foi pelo facto de além de se tratar apenas de uma prática socioeconómica, poder ser uma forma de convívio social entre as pessoas, e que esta prática tem ganhado um espaço muito grande nos meios urbanos, particularmente entre vendedores.

1.2 Problemática

Trindade (2015) argumenta que o *xitique* é uma palavra tsonga que traduzida para a língua portuguesa, poupança ou amearhar. Assim, *xitique* é colocar de lado alguma coisa mais para o benefício do grupo. Através da força do colectivo, é levar acabo um objectivo que aumenta a coesão da comunidade envolvida. Portanto, este é uma simples ferramenta de acumulação de moeda com o fim de obter uma certa capacidade económica e financeira num futuro mais ou menos próximo.

Em Moçambique, o *xitique* é uma prática que ao longo da década 90 predominou nas zonas rurais (Trindade, 2015). Com a massificação da urbanização, um processo complexo de

concentração de população num determinado espaço geográfico que dantes tinha um carácter disperso e rural (Manuel e Araújo, 2003), o *xitique* continua a ser praticado dentro das cidades.

A urbanização esteve associada a processos de migração e expansão urbana. As migrações são por princípio, um poderoso factor de transformação dos meios naturais, sociais, culturais e económicos, deste modo, é incorrecto ver nos movimentos migratórios apenas o seu lado negativo, pois eles engendram processo de transformação extremamente positiva para o desenvolvimento das regiões de partida e de chegada (Idem:11).

O espaço social, envolve um grupo de relações de pessoas que se interconectam e se entrecruzam a partir da prática de *xitique*. Entretanto, esta prática vem sofrendo mudanças decorrentes das transformações do contexto urbano, tais como a dinâmica de vida acelerada, o distanciamento entre as pessoas e a re-significação da moeda.

Quanto a dinâmica de vida acelerada, Brito (2017) descreve a vida no contexto urbano como estando cheia de ocupações e considera que o marketing é o principal factor que conduz os sujeitos, por meio de propaganda de tendências e estilos, chegando ao uso inadequado de tecnologias que leva até a dependência. Adicionalmente, no contexto urbano o uso do tempo é mecânico, associado aos processos de produção, circulação, troca e consumo de mercadorias. Deste modo, as pessoas encontram-se numa lógica em que a rapidez dos acontecimentos determina o seu modo de vida, tendente ao isolamento social (Bispo e Mendes, 2012).

No contexto actual, o uso da moeda ganhou novos significados, Ali e Massingue (2014) referem que diferentes organizações nacionais e internacionais têm se dedicado a expandir o acesso aos serviços financeiros para as comunidades mais pobres e excluídas do sistema financeiro formal. Uma destas é a criação de pequenos grupos de poupança e crédito nas comunidades. E a promoção destes grupos vem sendo feita por diferentes organizações governamentais e não-governamentais, e tem grande expressão nos programas oficiais de expansão financeira como o Programa de Apoio as Finanças Rurais (PAFR).

Os sistemas de apoio ou entre-ajuda existem nas nossas sociedades há muitos anos, porém temos visto que as dinâmicas e movimentos sociais urbanos influenciam algumas transformações nos fenómenos sociais. A principal problemática deste trabalho é o facto de perceber que com a expansão urbana na cidade de Maputo a prática de *xitique* tem sofrido várias mudanças. Por

exemplo, Espling (1999) citado por Trindade(2015) diz que inicialmente o xitique era praticado entre membros de uma mesma família com a finalidade de fortalecer os laços afectivos entre si bem como as poupanças financeiras, entretanto, actualmente este é também praticado fora do circuito familiar, entre colegas do trabalho e vizinhos.

Uma hipótese pode estar no facto de que a vida urbana, que impõe muita actividade diária e um custo elevado de vida, pode estar por detrás da continuidade do Xitique na vida das pessoas como forma de superar o estresse diário como também a insuficiência financeira trazida pelo custo de vida nos grandes centros urbanos.

Portanto, ao se compreender inicialmente a praticado xitique como mecanismo de poupança de extrema importância social e económica, limita a compreensão além do que se vive no acto de *xiticar* e o conceito deixa de ser compreendido como um valor e património cultural. Ao extrapolar as definições que aparecem repetidamente e centrar-me nas práticas que o compõem e que estão em constante processo de transformação, tentar mostrá-lo na sua complexidade leva a compreensão antropológica do mesmo acto o que de certa forma percebe-se que esta actividade sendo meramente entre humanos, ela faz gerar laços que na sua maioria são levados para toda vida. Neste sentido, o *xitique* não é uma prática exótica que permite apenas o desenvolvimento económico e social. Ele influencia - e é influenciado - e transforma - e é transformado - pelo desenvolvimento económico, sociocultural e humano mediante estabelecimento de relações humanas mais sólidas e além do simples código genético (Idem).

No contexto nacional, (Idem) fez um estudo sobre o xitique e concluiu que este é uma prática de poupança e crédito rotativo mais conhecido e comum no sul de Moçambique, especialmente na cidade de Maputo. Este, assim como outros tipos de práticas de poupança e crédito rotativo existentes em Moçambique, já era praticado antes da independência, principalmente nas zonas rurais. As primeiras referências surgiram em trabalho relacionados ao microcrédito, onde o xitique era referido como uma prática informal de poupança, e outras existentes no país.

Trindade (Idem) sustenta que o xitique é praticado pelas pessoas de recursos limitados, especialmente mulheres, que sustentam a elas e ao seu agregado familiar, em contexto urbano, e como estratégias de sobrevivência. Deste modo, Cunha (2005), explica a formação de grupos de xitique como um aspecto simbólico e mostra o funcionamento de uma economia assente nas

pessoas. Neste caso, Nhane (2013), salienta que dentro do grupo dos participantes de *xitique* vê-se um papel preponderante dos mais velhos. O autor mostra ainda que o *xitique* é também um espaço usado para o regresso as origens através da língua falada, nomes usados e histórias de antepassados como forma de educação dos mais novos.

Diante de um contexto sujeito à mudanças devido a dinâmica de vida da área urbana, a existência de sistemas alternativos de poupança, tais como os bancos e microcréditos, surge a necessidade de compreender as motivações por detrás da continuidade da prática de *xitique*, especialmente entre os vendedores do mercado grossista do Zimpeto.

1.2 Perguntas de partida

Circunstâncias diferentes da prática do *xitique* levam com que muitos vendedores procurem aderir a esta prática, assim com o dinheiro poupado através dela, conseguem mais facilmente expandir seus negócios ou pagar os empréstimos do microcrédito, uma vez que em certos casos os rendimentos dos seus negócios não chegavam para tal. As práticas do *xitique* levam a construção de laços de irmandade, companheirismo que por vezes compreende-se como uma espécie de camaradagem fazendo assim que as relações sociais estejam fortemente estabelecidas como redes sociais, entretanto, de onde vem, então, a afirmação de que *xitique* se traduz por prática económica o que a faz com que as pessoas estabeleçam relações monetarizadas?

Que motivações culturais/antropológicas ditam a continuidade das práticas de *xitique* nas zonas urbanas, especialmente entre os vendedores do mercado grossista zimpeto?

1.3 Objectivos do estudo

1.3.1 Geral:

- Analisar o *xitique* como prática cultural e como este é construído com base em redes sociais entre os vendedores do mercado de grossista do Zimpeto.

1.3.2 Específicos:

- Identificar a relação entre as redes sociais e a prática do *xitique*;
- Apresentar as motivações sociais e culturais que levam aos vendedores a praticarem o *xitique*;
- Identificar e descrever os tipos de *xitique* existente no nosso país e mercado grossista do Zimpeto.

1.4 Justificativa

O *xitique* é uma prática socioeconómica que também vem sendo agregada um valor social como uma rede de relações interpessoais. O *xitique* é formado por um aspecto simbólico e mostra o funcionamento de uma economia assente nas pessoas. É também uma prática que vai além de uma estratégia de sobrevivência das pessoas empobrecidas, neste caso, o *xitique* “tem objectivos extraeconómicos e contribui para a coesão social, controlo dos recursos existentes, identidade e afirmação” (Cunha, 2005).

Apesar da relevância do *xitique*, poucos são os estudos recentes desenvolvidos buscando a compreensão deste como prática cultural bem como da forma como é construído com base em redes sociais. Portanto, a realização deste trabalho poderá constituir um contributo académico para ampliar a compreensão destes aspectos, bem como servir de base bibliográfica para consultas por parte de pesquisadores interessados na matéria.

2. Revisão de literatura

Neste capítulo apresentam-se os conceitos básicos do tema em pesquisa, as teorias de base que sustentam a pesquisa e outras informações que serão úteis na discussão dos resultados na fase posterior.

2.1 Cultura

Qualquer sociedade é um conjunto de enclaves étnicos, religiosos e de estilo de vida. Assim, as pessoas que nela habitam têm hábitos dos quais se apelidam de cultura. De natureza escorregadia, a cultura comporta nuances antropológicas que remontam, aliás, às origens da disciplina (Malinowsky 1944, Levis-Strauss 1970; Durkheim 1894; Locke 1690; Taylor 1877), discutem epistemologias, políticas e simbólicas que enformam o conceito de cultura, a componente ideológica sustém a cultura. Por outras palavras, a cultura é construída e construtor de interacções, onde actuam sistemas e actores individuais, pois trata-se de saberes, conhecimentos, habilidades que se traduzem e traduzem o sistema simbólico que representam.

Para o filósofo Schopenhauer (2005), a cultura não é a condição predominante de manifestação da vontade humana, certamente na sua individuação, mas também enquanto espécie organizada colectivamente. O desejo insaciável do homem de entender a Natureza e a si, partindo de uma relação fisiológica e intelectual, concebendo-se como um ser de consciência, portanto, certo de que é mortal, faz com que se sinta impelido pela vontade schopenhauriana a estender o seu poder para dois infinitos, o microcosmo e o macrocosmo. Nesse sentido, estabelece-se uma luta entre as vontades humanas, por isso, essa luta contínua do homem contra o homem se funda na insaciabilidade da própria espécie, no desejo de dominar, cada vez mais, a terra e o universo.

O desejo de dominação oriundo da vontade que faz com que o homem constitua a cultura que, através dela, represente as manifestações do seu próprio corpo e da sua racionalidade. Na óptica do mesmo autor, “a acção do corpo nada mais é senão o ato da vontade objectivado, isto é, que apareceu na intuição” (Idem: 157). a natureza sem a intervenção do homem jamais chegaria a ser o que é, significada, conhecida e reconhecida como tal. Há na própria natureza um princípio activo e, em simultâneo, passivo, em que o princípio governa o seu movimento, impelindo-a por forças contrárias e por leis próprias a se transformar; porém, esse é um limite já pré-determinado. Neste sentido, pode-se conceber a cultura como resultante da

vontade enquanto manifestação do desejo corpóreo, mas também enquanto representação da intuição racional, logicamente como defendera Schopenhauer, isto é, como sendo uma mesma coisa, uma mesma acção. Reforçando esta concepção, ele afirma que: “Por isso, em certo sentido, também se poder dizer: a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento posterioridade vontade” (Schopenhauer, 2005:157).

Nas palavras do pensador Victor Tylor (1929): “a cultura ou civilização, no sentido mais amplo da etnografia, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo ser humano entanto que membro de uma sociedade” (Tylor, 1920: 1). Em contrapartida para pensadores como Hoebel e Frost (1976), a cultura “é o sistema integrado de padrões de comportamento apreendidos, os quais são características dos membros de uma sociedade e não o resultado de herança biológica. A cultura não é geneticamente pré-determinada; é não-instintiva. É o resultado da intervenção social e é transmitida e aprendida somente através da comunicação e da aprendizagem” (Idem: 4).

Para estes pensadores, a cultura é uma espécie de património de toda a humanidade e, simultaneamente, como património específico de cada grupo social levando a compreensão da mesma como sendo social, simbólica, determinante e determinada, uma vez que esta “faz o homem e este faz a cultura” (Martinez, 2009: 59). Nesta ordem de ideias, ela é, também, dinâmica e selectiva – pois do contacto intercultural possa resultar a reformulação cultural, através da absorção de determinados elementos extrínsecos, “herança histórica em movimento” (Ciscato 2012: 14), a cultura é obtida através de processos de ensino-aprendizagem e de enculturação e transmitida de geração em geração.

Por conseguinte, embora haja reconhecimento da “força criadora” (Geertz 1926: 3) tentou substituir “o todo mais complexo” desta tentativa de definição de cultura de Tylor por algo, que para este é mais esclarecedor. Para tal, o autor em voga buscou diferentes significados ligados ao conceito cultura e recorrendo à obra *Mirror for Man*, de Clyde Kluckhohn, pode-se destacar as seguintes definições: a cultura é “um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes comportamento apreendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento (Idem: 4). Não obstante, apartando-se das falácias “cognitivas” e “idealista”,

Geertz (1926) sustenta que a cultura essencialmente como algo semiótico, em que, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo essas teias e a sua análise” (Idem). Este partiu do simbólico – quer dizer dos sistemas de significados – porquanto aquele se relaciona com cultura, mudança cultural e estudo da cultura para construir o seu conceito de cultura. De outra forma, e uma vez que os sistemas de significados são, necessariamente, propriedade colectiva de um grupo, Clifford Geertz acrescenta que “a cultura é pública porque o significado também o é” (Geertz, 1926: 9) o que significa que, quando se afirma não ser possível entender as acções das pessoas de uma cultura diferente da nossa, aceitamos a nossa “falta de familiaridade com o universo imaginativo dentro do qual os seus actos são marcos determinados” (Idem). Assim sendo, a cultura é resultante de um processo comunicativo em que os agentes usam uma imensidão de símbolos cujos significados devem ser interpretados no contexto de cada cultura.

Os movimentos culturais são uma representação dessa pujança que o homem é, quando empreende as realizações dos seus desejos e das suas necessidades, mas também é uma demonstração do percurso temporal feito como um ser frágil, preso à natureza mesmo quando aventa possibilidades de superação. Todavia, a cultura se define como resultante da ideia e do pensamento do indivíduo, desse enquanto sujeito identificado no todo colectivo, participante de uma sociedade. Nesta perspectiva a cultura torna-se representação não apenas do homem como ser de conhecimento, mas, especialmente, como ser de realizações. E é este movimento, esta dinâmica humana que marca o tempo e os espaços, que leva Schopenhauer a afirmar que o sofrimento humano está exactamente nessa necessidade que o sujeito tem de se empenhar para realizar os fins que estabelece para si, ou ainda, nas frustrações (Geertz, 1926:12).

2.2 Xitique

A literatura consultada mostra que *xitique* pode ser compreendido como um mecanismo de poupança das economias com a finalidade de buscar-se valores monetários, para a satisfação das necessidades. Na cidade de Maputo, o *xitique* e a *kurhimela* eram as práticas sociais mais realizadas antes da independência, o que mostra a protuberância das actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e esquemas informais de poupança e crédito. Nessa época, tais práticas apoiam-se nas relações de amizade e vizinhança, entre os membros das comunidades, com

tendência de maior monetização das relações. Isto poderá depreender no maior nível de monetização da economia urbana em relação as economias rurais.

Diferente da cidade de Maputo, na cidade de Nampula observava-se o mesmo padrão que nas zonas rurais (actividades compensadas com pagamentos em espécie ou mão-de-obra). Na pós-independência e anterior às grandes mudanças políticas e económicas, ocorridas no País (1975-1986), nota-se, que embora haja uma ligeira tendência de crescimento na realização das práticas tradicionais, não se registaram grandes alterações em termos dos tipos de actividades preferidas. As zonas rurais de Gaza e Nampula apresentam o mesmo padrão, com a passagem de actividades colectivas. E também a prática de *xitique* é visto como um espaço de convivência entre as pessoas, pois, de acordo com Nhane (2013), *xitique* é uma forma de manter as pessoas em contacto, criando um espaço de convivência entre os participantes.

(...) *Xitique* é uma palavra tsonga que é traduzida para a língua portuguesa, comumente, como poupança ou amealhar. Contudo ao longo das entrevistas foram introduzidos mais significados da palavra reforçando a ideia de que o *xitique* é colocar de lado alguma coisa mas em benefício do grupo, através da força do colectivo, é levar a cabo um objectivo que aumenta a coesão da comunidade envolvida. Entendi assim, que o recurso discursivo a várias semânticas da palavra *xitique* indicava, por si mesmo, um conjunto de significados sociais que extrapolavam a ideia de poupança enquanto uma simples ferramenta de acumulação de moeda com o fim de obter uma certa capacidade económica e financeira num futuro mais ou menos próximo (Cunha, 2011: 13).

De maneira geral, o *xitique* consiste num grupo de pessoas, constituído por amigos, colegas de trabalho ou familiares, que estipulam um montante de contribuição assim como a periodicidade dos encontros para prestação de contas, distribuição rotativa do poupado por cada uma das pessoas envolvidas no grupo e confraternização (Trindade, 2011: 3). Para Cunha (2011:1-5), o *xitique* tem como objectivo base a aquisição de bens, produtos e serviços que de outra maneira não seriam acessíveis a determinado grupo de pessoas mediante a escassez de moeda com que vivem. A autora afirma que *oxitique* é uma prática que vai além de uma estratégia de sobrevivência das pessoas empobrecidas, neste caso, o *xitique* “tem objectivos extraeconómicos e contribui para a coesão social, controlo dos recursos existentes, identidade e afirmação”.

Nhane (2013) argumenta que “historicamente o *xitique* foi sendo dinamizado pelas mudanças estruturais provocadas pelos factores socioeconómicos tais como: a expansão da cidade e do seu modo de vida”, pois na cidade as pessoas dependem mais do dinheiro para sobrevivência. Sendo a partir de negócio, as pessoas garantem a aquisição de dinheiro para satisfação das necessidades básicas pela falta de um emprego formal. A formação de grupos de *xitique* é um aspecto simbólico e mostra o funcionamento de uma economia assente nas pessoas. Neste caso, segundo este autor, dentro do grupo dos participantes de *xitique* vê-se um papel preponderante dos mais velhos. O autor mostra ainda que o *xitique* é também um espaço usado para o regresso às origens através da língua falada, nomes usados e histórias de antepassados como forma de educação dos mais novos.

Nesta ordem de análise, Trindade (2011: 4) considera um outro aspecto a ter em conta na prática de *xitique*, que são os rituais, que é a existência de encontros onde alguns grupos de *xitique*, principalmente os familiares, organizam mensalmente, almoço, lanche, danças, cantos, sempre em casa de quem irá receber o dinheiro. Trindade considera que a prática de *xitique* é importante porque permite uma maior coesão do grupo, a criação de ajuda mútua e solidariedade, assim como o estreitamento das amizades e laços familiares. Assim, conforme Nhane (2013) o *xitique* é praticado por pessoas de diversas categorias da sociedade e funciona como forma de melhorar o relacionamento e criar o contacto permanente entre colegas de serviço em diversos sectores de trabalho, amigos, familiares e servir de um mecanismo de poupança.

Cruz e Silva (2005) defendem que o *xitique* é uma prática entre as pessoas ligadas por laços, em que o pagamento de *xitique* não tem que ser necessariamente monetário, havendo casos em que essa contribuição se traduz em bens materiais. Os fundos circulam entre os seus membros e a sua colecta e distribuição funcionam na base da confiança e empatia ao mesmo tempo que obriga cada membro do grupo fazer poupança de um montante predeterminado e dentro de periodicidade previamente definida para o pagamento da sua quota, a distribuição de poupança entre os membros do grupo é feita periodicamente e rotativamente. Todavia, todos os *xitiques* possuem um nome específico, nome que faz referência a alguma característica comum e específica das participantes, como a religião que professam e o bairro onde vivem. Assim sendo, os *xitiques* podem ser: associativo, familiar, de amigos, de serviço e de cartão.

2.2.1 *Xitique* associativo

Como se pode compreender pelo nome, este tipo de *xitique* possui um forte carácter associativo, carácter esse que pode ser pensado como uma união de esforços de várias pessoas para atingir um fim comum. Uma série de elementos constitutivos dos grupos e que os distinguem de outros tipos de *xitique* revelaram esse carácter. Neste tipo de *xitique* os grupos são constituídos por uma presidente, vice-presidente, tesoureira, secretárias, entre outros cargos, organização essa que só encontrei nestes *xitique*. Elemento que só encontrei também nestes *xitique* é o uso de capulanas e blusas como uniformes que dão a sensação de pertença e igualdade entre as participantes.

2.2.2 *Xitique* de cartão

Xitique é frequente especialmente nas cidades de Maputo e Matola (Gomes, 2008) ou em grandes centros urbanos do país. Nesses centros há *xitique* cartão, *xitique* geral ou *banca móvel* popular nos mercados ditos informais, e consiste num sistema diário de poupança depositado nas mãos de operadores que ali trabalham. Este tipo de *xitique* é uma espécie de banco informal móvel, onde comerciantes – dos chamados sectores formal e informal – em que se depositam, diariamente, um montante fixo durante 31 dias ou semanalmente, sendo que o valor referente ao último dia reverte a favor dos operadores, como uma espécie de salário.

Segundo Padil (2011: 18) o surgimento do *xitique* cartão está ligado, aos conflitos que aconteciam dentro de outros tipos de *xitique* que integram a lógica de grupo, nomeadamente a “falta de pagamento ou de desonestidade por parte de uma das integrantes do grupo de *xitique*”. Portanto, os valores aplicados variam mediante as capacidades financeiras de cada contribuinte. Contudo, o *xitique* de cartão possibilita que os comerciantes e os demais, que diariamente possuem lucros, tenham como guardar esse dinheiro (e não levá-lo consigo, correndo o risco de o gastar ou serem assaltados), além de não dependerem de um grupo, podendo poupar de acordo com as suas próprias capacidades.

2.2.3 *Xitique* entre mulheres

Segundo Trindade (2011), a criação destes grupos de *xitique*, normalmente por iniciativa das mulheres, dá-se pelo facto de as pessoas viverem espalhados pela cidade, longe umas das outras e terem uma vida corrida, que não lhes permite verem-se e conviverem tanto quanto gostariam.

A autora apresenta exemplos de como decorrem as práticas de *xitique*, apresentando a principal característica, de como funciona este sistema de rede social. É uma das características do *xitique* segundo esta autora, é de maioritariamente ser praticado por mulheres. A afirma que parte de uma observação de que são as mulheres que, dentro da prática do *xitique*, discutem e estabelecem as regras do jogo, controlam e determinam como poupar e gerir o dinheiro acumulado, além de deterem o poder de decisão; a autora entende ainda que e os momentos de encontro entre essas mulheres (a partir do *xitique*) são tidos com os espaços de debate, de conversas, de extravasar as frustrações do dia-a-dia, de se expressarem através das músicas e das danças de uma forma própria, onde estão só se mais à vontade, pretendo reflectir sobre até que ponto estas práticas permitem uma maior visibilidade das mulheres na esfera pública e doméstica, quebrar barreiras, conquistar o seu reconhecimento, elevar os eu poder de negociação e exercitar os seus direitos, principalmente no espaço. Na mesma linha de compreensão, Teresa Cunha sustenta que:

O *xitique* é uma dessas tecnologias que devem ser estudadas e compreendidas para dotar os conhecimentos sociológicos, feministas e económicos de mais ideias que possam contribuir para a justiça cognitiva e como meio de dar corpo às consciências antecipatórias do futuro que acima referi. Elas estão a elaborar, já e agora, os termos daquilo que será um novo senso comum do governo da casa é um paradigma que possa ser nomeado de pós-capitalista. A ligação das práticas do *xitique* as mulheres em Moçambique é uma evidência empírica e tem sido objecto de pesquisas e reflexões. As mulheres estão muito activas nas actividades produtivas e circuitos económicos do país e uma parte substantiva do rendimento gerado e utilizado para o sustento das famílias, assim como um volume de negócios assinalável, é realizado por elas no âmbito daquilo que é designado por ‘economia informal’. As organizações de mulheres de base mais populares estão, algumas vezes, fortemente relacionadas com a produção e comércio de modo a gerar rendimentos e a reforçar, mutuamente, as capacidades de pequenos grupos. As iniciativas de muitas mulheres e alguns homens, muitas vezes consideradas informais, pontuais e precárias servem de base para se criarem negócios, ... com vista a complementar ou a gerar o seu sustento e a manter a vitalidade social e política da sua comunidade (Cunha 2011:79).

Contudo, Trindade (2011: 78) diz que a ligação das práticas do *xitique* e as mulheres em Moçambique é uma evidência empírica e tem sido objecto de pesquisas e reflexões. As mulheres

estão muito activas nas actividades produtivas e circuitos económicos do país e uma parte substantiva do rendimento gerado e utilizado para o sustento das famílias, assim como um volume de negócios assinalável, é realizado por elas no âmbito daquilo que é designado por ‘economia informal’. As organizações de mulheres de base mais populares estão, algumas vezes, fortemente relacionadas com a produção e comércio de modo a gerar rendimentos e a reforçar, mutuamente, as capacidades de pequenos grupos.

2.3. Definição de conceitos

Redes sociais

O conceito rede social foi introduzido nas ciências sociais e humanas, na primeira metade do século XX. Porém, naquele espaço temporal, “[...] *o termo era sobretudo usado em sentido metafórico: os autores não identificavam características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas, nem estabeleciam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem*” (Portugal 2007: 4). Na antropologia urbana o conceito começou a ser usado a partir da segunda metade do século XX. A construção desse conceito se desenvolveu em torno de duas correntes distintas: uma no campo da antropologia social britânica após a II Guerra Mundial, e outra, de origem americana, que se preocupou fundamentalmente com uma análise quantitativa a partir de uma abordagem estruturalista”.

Nessa linha de ideias, os antropólogos britânicos começaram a perceber as limitações do modelo teórico estrutural-funcionalista clássico, uma vez que esse apenas se inquietava com a normatividade dos sistemas culturais o que fez com que não conseguissem explicar alguns fenómenos percebidos na sociedade.

Para Portugal (Idem) o conceito de rede social era utilizado pelos pesquisadores de forma metafórica e não exactamente como conceito explicativo de sistemas sociais, contudo, era reduzido às descrições de grupos restritos. Quando os pesquisadores se deparavam com contextos mais complexos, encontravam dificuldades em utilizá-lo. Em função disso, ainda na primeira metade do século XX, a antropologia britânica mudou o foco dos sistemas culturais para os sistemas de redes de relações sociais, chegando, em decorrência, à formulação do conceito de rede social. Após esse período, passou-se a utilizá-lo de maneira sistemática.

Não obstante, Portugal citando Wellman (2007:5-6) refere que da análise sociométrica, utilizada pelos psicólogos, e pioneira na quantificação de dados relacionais, à teoria dos grafos dos matemáticos, os estudiosos das redes recolheram vocabulário e modos de representação gráfica,

inicialmente rudimentares, e, hoje, cada vez mais elaborados, que lhes permitiram analisar quantitativamente “as estruturas profundas que unem e separam os sistemas sociais”.

Ademais, nos dias presentes todo debate a teoria das redes na sociologia e antropologia pode ser concebida como um novo paradigma pois há que concordar com Portugal que o que parece a maior contribuição da teoria das redes sociais para o entendimento da sociedade é que ela articula os níveis macroestrutural e microestrutural quer dizer [...] busca explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que eles se inserem e explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações (Portugal, 2007:10).

Segundo os dicionários Michaelis e Aurélio, as definições para o substantivo *rede* estão vinculadas a três funções ou situações: a) relaciona-se a algo ou alguma coisa que tem função de aprisionar, de limitar a movimentação; b) liga-se à estrutura de comunicação. Neste sentido, como Santos (1999:211) apresenta “... as redes buscam mundializar-se, e fisicamente o fazem, mas seu funcionamento é limitado... Quanto mais avança a civilização material, mais se impõe o carácter deliberado na constituição de redes.”

Portanto, o conceito de rede carrega em sua essência elementos primitivos da ciência que possibilitou a construção e consolidação das habilidades de perceber o real e atribuir-lhe significado. Assim sendo, pôde-se tecer a primeira consideração acerca da génese do conceito: o que hoje as áreas do conhecimento reconhecem sob a denominação de rede social é uma construção linguística e cultural, apoiada sobre práticas observacionais que foram se constituindo ao longo da história humana. Essas práticas tiveram um avanço significativo no Renascimento, a partir da geometrização do real e da possibilidade de geração de conhecimento em torno da relação espacial construída pela razão. É, em função disso, um conceito baseado na crença e no pensamento matemático.

2.2.4 *Xitique* como uma rede social

Sendo que *xitique* envolve um número de pessoas em interações, consideramos que esta prática é uma rede social de interajuda (solidariedade) e de reciprocidade entre os praticantes. Segundo Portugal (2007: 1-2) o conceito de rede goza uma popularidade, pois segundo a autora, é abundantemente usado na língua corrente, académica ou política e designa variedade de objectos e fenómenos. Ademais a mesma autora afirma, a palavra rede é antiga, a história dos seus usos

descreve um longo percurso desde século XVII. Durante o tempo, o termo foi se alterando, distanciando-se dos objectos que servia.

Barnes (1987) através do seu estudo sobre as redes sociais e processos políticos, clarifica que as redes sociais permitem-nos perceber as lógicas sociais de funcionamento de um determinado local. Este autor mostra que as relações de entreatajuda são muitas vezes efectuadas através de conexões contínuas. O autor afirma ainda que, a noção de rede social está sendo desenvolvida na antropologia urbana tendo em vista a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites dos grupos e categorias. A partir desta concepção, o autor classifica as redes sociais em dois tipos sendo, a rede social total que é uma rede mais ampla e a rede parcial inclusiva dentro da rede social total. Segundo este autor, as conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total, tanto aqueles que vinculam pessoas de grupos diferentes.

Entretanto, como Amal (2011) sustenta em relação a estas condições de vida, muitas mulheres e homens recuperam, inventam e actualizam práticas socioeconómicas que são postas ao serviço de uma interpretação da sua realidade e da resolução dos problemas que ela lhes impõe. Trindade (2011) mostra que o *xitique* é uma das agências que está em actividade apresentando-se, do meu ponto de vista, como sendo bastante mais do que uma simples tecnologia de sobrevivência. *xiticar* tem objectivos extraeconómicos e contribui, entre outras coisas, para a coesão social, controlo dos recursos existentes, identidade e afirmação pessoal e comunitária.

Contudo, como se pode compreender a apropriação entre as pessoas, os convívios, a partilha de problemas, a ajuda a familiares, entre outros, são também motivos apontados pelas mulheres e que as levam a juntarem-se em grupos de *xitique*. A prática em grupo ajuda também a conter os gastos exagerados, dar conta de despesas extras, empoderar as mulheres e crescer como empresárias (caso de mulheres que têm pequenos negócios).

3. Metodologia

Neste capítulo apresenta o conjunto de procedimentos seguidos ao longo da realização da pesquisa. Quanto à abordagem, a pesquisa teve um carácter qualitativo buscando a objectivação do fenómeno, hierarquização das acções de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno. Na óptica de Gerhard e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização. Os pesquisadores que adoptam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

3.1. Técnicas de recolha de dados

Quanto aos procedimentos de pesquisa, fez-se o uso da pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente por livros e artigos científicos (Gil, 1999:65). A pesquisa bibliográfica foi fundamental durante a formulação do problema, redacção do capítulo teórico, bem como a discussão dos resultados.

Entrevistas semi-estruturadas

Recorreu-se igualmente à entrevista semi-estruturada, técnica que permitiu a entrevistadora obter, verbalmente, a informação necessária (Marconi e Lakatos, 2009). Trata-se de uma técnica em que o entrevistador se apresenta ao investigado e formula-lhe perguntas, com objectivo de obter os dados que interessam a pesquisa. Neste caso, a pesquisadora dirigiu-se ao Mercado Grossista do Zimpeto, tendo solicitado alguns vendedores que colaborassem na entrevista, a qual visava obter dados a respeito da prática do *xitique*, tais como as motivações para aderir e permanecer nesta prática e os benefícios decorrentes da mesma.

3.2. Procedimentos de recolha de dados

Para a recolha de dados a pesquisadora dirigiu-se ao Mercado Grossista do Zimpeto, apenas portando o seu cartão de estudante, para fins de identificação. Tendo no mercado dirigiu-se informalmente aos vendedores, tendo-se apresentado e lhes informado sobre a pesquisa que se encontrava a realizar. Por fim, solicitava a cada um deles que colaborasse participando da entrevista individual em torno do *xitique*.

Alguns vendedores mostravam-se indisponíveis ou desconfortáveis para participar no estudo, sugerindo que a pesquisadora fosse ter com outros. Por este motivo, os participantes do estudo foram alcançados por conveniência ou acessibilidades, isto é, só faziam parte do estudo aqueles que se disponibilizaram a participar. Os dados recolhidos com base na entrevista foram gravados com o consentimento de cada participante, para posteriormente transcrevê-la para fins de análise.

3.3. Descrição do local de pesquisa

A presente pesquisa foi efectuada no Mercado Grossista do Zimpeto situado na cidade do Maputo (Moçambique), Bairro do Zimpeto, Avenida de Moçambique no quilómetro 12.

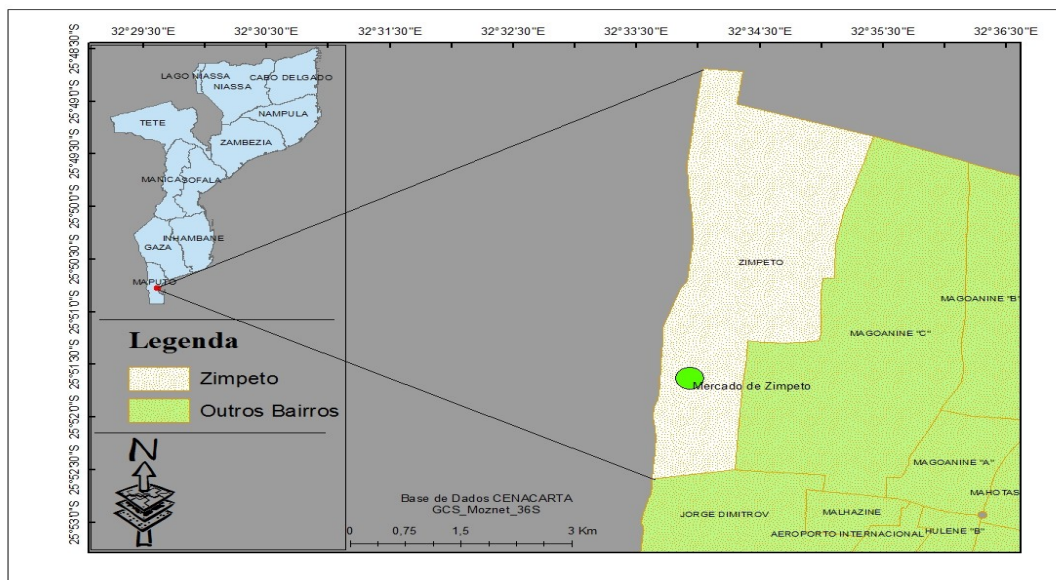


Figura 1: Percurso para o Mercado Grossista.

3.4. Variáveis da pesquisa

Durante o trabalho de campo foram tomadas em consideração as variáveis gênero; etnia; estado civil; residência e religião. Tomei em contas as variáveis, porque sendo um mercado que é frequentado por varias pessoas de regiões diferentes, surge a necessidade de explicar como os participantes se encontraram ou se entenderam para criar esses grupos de xitique.

Tabela1: Variável gênero

Categoria	Frequência	Percentagem (%)
Mulheres	25	83,3
Homens	5	16,6
Total	30	99,9

Fonte: Dados do trabalho de campo (Fevereiro á Outubro de 2021).

4. Análise e discussão dos dados

Neste capítulo faremos a descrição dos dados, discussão e análise tendo em conta os objectivos definidos perante o problema identificado. No capítulo apresentados resultados das entrevistas que garantem a confrontação de ideias dos envolvidos nos grupos de xitique participados.

4.1. Perfil dos participantes

No total participaram do estudo 30 vendedores do Mercado Grossista do Zimpeto, dos quais 25 mulheres e 5 homens, todos professando a religião cristã, residindo nos bairros de Zimpeto e Maoganine C. Estes são provenientes de diversas etnias tais como Changane, Chope, Rongae Chuwabo, como ilustra a Tabela 2

Tabela 2: Perfil sociodemográfico dos participantes

Variável	Categorias	Frequência (%)
Gênero	Feminino	25 (83.33)
	Masculino	5 (16.66)
Estado civil	Casados	2 (6.66)
	Solteiros	4 (13.33)
	Vivemaritalmente	24 (80)
Local de Residência	Zimpeto	27 (90)
	Magoanine C	3 (10)
Religião	Cristianismo	30 (100)
Origem étnica	<i>Changane</i>	12 (40)
	<i>Chope</i> ¹	8 (26.66)
	<i>Ronga</i> ²	8 (26.66)
	<i>Chuwabo</i> ³	2 (6.66)

Fonte: Dados do trabalho de campo (Fevereiro á Outubro de 2021).

4.2. Xitique como criação de redes sociais

Em relação a questão “*por que participa do xitique?*”, todos participantes relataram que participam do xitique por razões económicas. Entretanto, alguns deles afirmaram que participam do xitique por gostarem de estar em actividades do género.

“Comecei a fazer xitique porque, o nosso trabalho sem xitique não tem rendimento, porque lucrámos pouco mesmo. Assim trabalhamos a saber que temos que entregar dinheiro final do mês, por ser o nosso salário, o xitique é importante porque quando caímos não pedimos emprestado dinheiro no banco, pedimos receber o xitique para recuperar o negócio” (Antonieta, de 46 anos de idade).

Outra entrevistada referiu:

“... esse dinheiro me ajuda muito, quanto eu vivia em Manhiça tinha um grupo de xitique como tinha uma banca lá, muitas coisas que tenho em casa comprei com dinheiro de xitique, então, achei bom procurar um grupo de xitique aqui. Para nos reunirmos entre colegas, criarmos uma amizade para aumentar o

¹*Chopelíngua* falada na província de Gaza, sul de Moçambique, junto a costa e arredores da cidade de Inhambane.

²*Rongalíngua* falada na província de Maputo no extremo sul de Moçambique até ao rio Limpopo.

³*Chuwabouma* das línguas faladas no vale da província de Zambézia.

negócio, conhecermos as nossas casas, no caso de amanhã se acontecer algo nos visitarmos, porque além de colegas somos uma família. E eu também procurava xitique que tem encontros de almoço para divertirmos, tomarmos algumas”

(Joaninha, de 41 anos de idade).

Nota-se que em Moçambique há diferentes tipos de associações de poupança e crédito rotativo no meio rural e urbano variando conforme os objectivos, durabilidade e estabilidade, porém há similaridades. As práticas de poupança e crédito rotativo comuns são *okurhimela/xitocoetsima/ntim; matsoni/xivunga; thôthôtho, kuthekela, ganho-ganho, kuvekhelissae ovaliha*. Muitas destas actividades foram levadas a cabo com maior destaque, em zonas rurais, no período antes da independência nacional e, ainda no mesmo período observou-se que na cidade de Maputo havia uma proeminência de actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e outros esquemas de poupança e crédito (Trindade, 2015:71).

Geertz (1962) abordou uma prática de poupança e crédito rotativo existente em *modjokuto*, na Indonésia, e conhecida como *arisan*. O autor faz comparação entre os vários tipos de associações deste tipo encontrados em diferentes países asiáticos e africanos. O autor sublinha que as associações de crédito rotativo são essencialmente um mecanismo através do qual “*formas tradicionais de relações sociais são mobilizadas de forma a atender funções económicas não tradicionais*” (Taniguti, 2012:56).

arisan uma palavra literalmente, que significa, “ajuda mútua”, uma prática de poupança existente na Indonésia a estrutura geral do grupo é constante, cada pessoa a quem cabe o montante arrecadado é responsável por organizar o próximo encontro que será realizado na banca do próximo beneficiado do processo de *xitique*. O encontro entre os membros de um *xitique* é, traduzível mediante a essência humana africana, uma festa, um pequeno encontro entre amigos, companheiros de profissão, vizinhos de estabelecimentos comerciais e acima de tudo família que não possui o mesmo sangue, porém unidos por um laço social.

Deste modo, o *xitique* como se pôde observar não se traduz como meramente uma instituição económica, mas sim social, em que o principal propósito é o fortalecimento da solidariedade comunitária entre os vendedores do mercado. A principal atracção do *arisan* não é o dinheiro que

se recebe, mas a criação de uma harmonia comunitária, assim como acontece no caso do *xitique* como deu para observar em encontros realizados pelos vendedores.

Ademais, Ardener (1995), apontou a familiaridade com o sistema bancário não impede o uso dos bancos por membros de *xitique*, muito pelo contrário, um complementa o outro, podendo estes pagar as suas contribuições mediante transferências bancárias, empréstimos entre os membros do grupo e, caso não tenham planos imediatos para o dinheiro que recebem, depositam-no no banco. Outrossim, observa-se que alguns micro-banco, como foi o caso da instituição que acompanha o pequeno grupo de vendedores os quais contribuíram para a elaboração do presente trabalho, participam na melhor gestão do capital entre os envolvidos no *xitique*.

“...nosso xitique sai no dia 30 de cada mês, dia 30 é último dia, por isso começamos a tirar dinheiro a partir do dia 25. Para não andarmos com muito dinheiro, usamos ponto24, M-pesa e até contas do BIM, basta a pessoa ter como receber o dinheiro. E mensalmente vamos em casa de um dos membros, contribuimos 300mts, para comidas e refrescos, compramos fardas como capulana, camisetas, e também nos juntamos quando forem datas festivas como férias e aniversário de alguém”(Percina, de 53 anos de idade).

No entanto, e embora muitos dos que fazem parte do *xitique* afirmarem que aspectos sociais e cooperativos da instituição são mais importantes que os aspectos económicos, Geertz menciona como estes se têm tornado cada vez mais importantes instituições económicas, como mecanismos para mobilizar recursos monetários, uma vez que as necessidades monetárias dos seres humanos tendem a aumentar a cada dia. Assim, o *xitique* sendo uma prática social de gestão e criação de capital, ele encontra-se no centro das atenções sociais.

Portanto, esta actividade é responsável por criar e, em alguns casos, destruir a boa convivência entre os seres humanos. Muitos têm aderido aos *xitiques* não em busca de criar laços, embora na maior parte estas práticas ganham vida devido aos laços existentes. A prior devido às mudanças sociais existentes, principalmente motivadas pelo capitalismo, os indivíduos tendem a inserir-se em um grupo de *xitique* devido a necessidade pelo dinheiro e bens materiais ou mesmo pela necessidade de consumo. Neste caso, alguns vendedores buscam por esta prática de modo a ganhar mais agregado monetário no intuito de comprar mais mercadorias para seus

estabelecimentos comerciais e, acidentalmente criam-se as redes entre os envolvidos. Estas redes sociais são fundadas no capital e não no social.

4.3. A sociabilidade como essência do xitique

Mediante a participação e observação dos encontros semanais de alguns grupos de xitique e dos diferentes momentos que os compõem, assim como de entrevistas com os participantes desta prática social, compreendeu-se como são criadas, fortalecidas e projectadas as redes sociais entre os envolvidos.

Muitos pesquisadores desta actividade social e económica a consideram como rede de solidariedade (Loforte, S/d; Cruz e Silva, 2002; Davaet et al., S/d) ou simplesmente como rede de reciprocidade (Espling, 1999). Nesta linha de análise, constata-se que segundo Loforte, estas relações são estabelecidas para lidar com as “*a situações estruturais que conduzem à vulnerabilidade e pobreza*”, e abarcam também, em alguns casos, laços de parentesco, vizinhança, a comunidade religiosa, associações locais.

Ademais, é de salientar que este propósito Loforte (2002:286) apresenta o papel das mulheres na “solidificação destas relações pelo contacto directo com outras mulheres vizinhas”. Aqui pode-se compreender o facto de o xitique entre os vendedores ter sido levado em primeira instância pelas mulheres e a razão, ainda que não absoluta, de elas serem a maioria nos grupos de xitique pelos quais frequentei. Entretanto, com base nesse contacto, criam e aderem a redes que se constituem, por vezes, como grupos informais de poupança e ajuda mútua (como observa a Elisinha), de modo a minimizar a crise económica, alargando assim a sua rede social.

“O dinheiro ajuda para as condições de cada um, a quem comprar terreno para quem não tem casa ajuda na construção. Comprar carro, loiça e na formação das crianças.”

(Elisinha, 43 anos de idade).

O outro entrevistado referiu:

“O xitique oferece, grandes oportunidades de crescimento no negócio e na vida financeira. eu ganho muito pouco e com isso não ia conseguir comprar nada, e

nem aumentar o meu negocio só com dinheiro de venda e de lucros. Mas com esse xitique semanal consigo organizar minha vida. E estou muito feliz com esse xitique. e aconselho as pessoas que fazem negócio, a optarem em fazer o xitique semanal.”

(Suleimane, de 33 anos de idade).

A organização dos grupos de xitique e os momentos dos xitiques observam a mesma lógica. Primeiro, a gestão dos valores monetários - a que se junta a sua entrega (ritualizada ou não) e por fim a confraternização onde ocorre a partilha de refeições, compostos por conversas, trocas de afectos e de informações, brincadeiras, gargalhadas, desabafos e conselhos, vários tipos de dicas em relação às crianças e venda de produtos. Neste último aspecto por vezes reserva-se para a resolução e análise de algumas situações pontuais ligadas ao xitique.

Não obstante, valores como o respeito, sentido de obrigação, o compromisso, amizade e a solidariedade estão na base destas redes de reciprocidade e ajuda mútua. Ademais, como se observa em Durkheim, segundo Radomsky (2006), em especial na teoria das trocas, se origina nas Ciências Sociais a reflexão sobre reciprocidade que, juntamente com a dádiva, são noções a partir das quais se pode compreender a constituição das relações sociais baseadas em significados (Idem). Nesta linha de pensamento, a teoria da troca social de Durkheim e de mais autores recaía na natureza moral dos actos colectivos, na capacidade de estruturação da ordem social e na geração de formas de solidariedade que dela derivariam. Porém, ainda de acordo com Radomsky (2006: 79) constatou que na troca existe três momentos que se retrocedem no princípio de acçãorecíproca – dar, receber, retribuir. Não obstante, o autor distingue a dádiva-troca – presentes, bens e símbolos – da troca mercantil, na medida em que associa uma moral, um valor ético, à transacção económica.

Assim sendo, segundo Mauss as dádivas voltam sempre e a devolução das dádivas é explicada pela força presente na coisa dada, pelo laço espiritual, não existindo assim apenas uma razão material que evoque a necessidade das trocas. A troca, como explica o autor, não somente abarca os presentes ou produtos, mas também visitas, festas, comunhões, heranças, ou seja, um sem número de prestações (como acontece nos encontros de entrega do valor angariado).

“Nos temos uma boa relação, somos colegas, conhecidos há uma boa relação. Quando alguém tem um defeito fazemos uma reunião para falar para a pessoa mudar”.

(Mussane, de 35 anos de idade).

Todavia, as trocas efectuadas no xitique, carregam a potencialidade da sociabilidade humana que sustentam a solidariedade, a integração social e as obrigações mútuas. Nesta ordem de ideias, constata-se que é pela dádiva, então, que as redes se criam e pela renovação das dádivas que a confiança se mantém. O processo de dar-receber-retribuir que ocorre no xitique, não é impulsionado pelo significado inerente à coisa dada (o bem que é o centro do xitique), porém é a própria maneira como o xitique é estabelecido, o modo que as coisas são definidas, delimitadas, postas, que faz com que elas sejam percebidas enquanto passíveis de serem trocadas. Esta prática social enquanto rede de solidariedade, por exemplo, auxilia os envolvidos na criação de melhores condições de vida e estabelecimento ou criação de novas rendas para o fortalecimento de seus negócios.

O dinheiro, por exemplo, cujo é a essência do xitique entre os vendedores do mercado do Zimpeto, cria deste modo um tipo de sociabilidade, pois os envolvidos dependem um do outro dada a obrigatoriedade dos encontro e acima de tudo pelo facto da entrega do valor. O compromisso e a reputação de cada participante possibilitam a estabilidade de que os grupos necessitam para se manter. Todos estes elementos juntos – dinheiro, sangue, comida, afectos expressos nas conversas durante os encontros de xitique – compõem aquilo que une os envolvidos. Portanto, os dados recolhidos em campo não possibilitam afirmar categoricamente se as relações humanas criadas vêm antes ou depois da prática do xitique, se é o xitique que cria as redes sociais ou relações humanas, ou se as relações humanas e ou redes sociais que criam o xitique. No entanto, ele está ligado às relações humanas aprimoradas mediante os itens acima mencionados.

5. Conclusões

Com a pesquisa desenvolvida no Mercado Grossista do Zimpeto, em Maputo, foi possível conhecer e perceber a situação dos vendedores em relação ao xitique. Assim sendo, pode-se compreender que o *xitique* é uma exteriorização das agências e racionalidades eficientes para criar a rede social entre os envolvidos nesta prática social. Ademais, compreende-se que ele não somente é uma instância económica, mas também social cujos participantes desenvolvem relações mais coesas e produtivas. Outrossim a dignidade, o sustento, alimentação e a capacidade de criar e alcançar objectivos estão presentes nos resultados concretos dos xitiques em que cada entrevistado participa.

Entretanto, é necessário também considerar que sendo o xitique um elo de criação e ligação social entre os vendedores, ele torna-se também uma instância educativa popular engajada na valorização de aptidões e aprendizagens não escolares porém vitais, relevantes e úteis aos vendedores assim como nas sociedades que cada um pertence e na consolidação e ampliação de conhecimentos dos grupos em diversas áreas dos saberes e da sua capacidade de reflexão sobre si e sobre a sociedade em geral (Cunha, 2011).

Portanto, o processo de dar-receber-retribuir que ocorre no xitique, não é impulsionado pelo significado inerente à coisa dada (o bem que é o centro do xitique), porém é a própria maneira como o xitique é estabelecido, o modo que as coisas são definidas, delimitadas, postas, que faz com que elas sejam percebidas enquanto passíveis de serem trocadas. Portanto esta prática social enquanto rede de solidariedade, por exemplo, auxilia os envolvidos na criação de melhores condições de vida e estabelecimento ou criação de novas rendas para o fortalecimento de seus negócios. Neste facto apresenta-se um valor ético como chave nesta prática social, o compromisso (Trindade, 2011).

Todavia, o compromisso é uma questão bastante relevante para os envolvidos no xitique, aliás é o elemento fulcral para que haja sucesso e bom relacionamento entre os participantes desta actividade sobretudo no estabelecimento das redes sociais. Com isto compreendeu-se que é extremamente fundamental que haja confiança e compromisso entre os envolvidos, pois assim como uma rede elas ainda que de forma implícita dependem umas das outras para que o todo social (grupo de vendedores) funcione sem algum sobressalto.

Referências bibliográficas

AMAL, Teresa (2011). *Ensaio pela democracia. Justiça, dignidade e bem-viver*. Porto: Afrontamento.

CRUZ e SILVA, Teresa. 2005 A organização dos trabalhadores do sector informal dos mercados de Maputo e sua acção na promoção de melhores condições de vida e de trabalho – O papel da Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal – ASSOTSI. *Bureau Internacional do Trabalho*. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/assotsi.pdf> (Acesso em: Dezembro de 2020).

CRUZ e SILVA, Teresa. Determinantes Globais e Locais na Emergência de Solidariedades Sociais. O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo. Disponível em: <http://rccs.revues.org/1260>. (Acesso em: 20 de Dezembro 2020).

CRUZ e SILVA, Teresa. 2002. Determinantes Globais e Locais na Emergência de Solidariedades Sociais. O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 63: 75-90.

CUNHA, Teresa. 2011. A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismo e descolonização das teorias económicas e contemporâneas. In: Cunha, Teresa et al. (org.) *Ensaio pela Democracia, Justiça Dignidade e Bem Viver*. Porto: Afrontamento.

GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.

FONSECA, Cláudia. 2000. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora UFRGS.

_____. 1962. *The rotating credit association: a middle “rung” in development in Economic development and cultural change*, 10(3): 241-263.

GOMES, Xadrique. 2008. *Viver com o dinheiro dos outros*. *Jornal Verdade*, Maputo.

Disponível em: http://www.verdade.co.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=241:xitique&catid=43:economia&Itemid=27. (Acesso em: Março de 2021).

GIL, António Carlos. 2008. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

NHANE, Agostinho J. 2013. *Dinâmicas do xitique entre Vendedores do Mercado 25 de Setembro no Bairro Patrice Lumumba na província de Maputo*. [Trabalho de Culminação de Estudos em Antropologia]. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

PADIL, Afiza I. S. 2011. *Representações sobre a prática do xitique cartão entre as vendedeiras de carne no Mercado de Xipamanine, cidade de Maputo*. [Trabalho de Culminação de Estudos em Antropologia]. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

PADIL, Afiza I. S. 2011. *Representações sobre a prática do xitique cartão entre as vendedeiras de carne no Mercado de Xipamanine, cidade de Maputo*. Maputo: Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

PORTUGAL, Silvia. 2021. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf> (Acesso em: 21 Abril).

SANTOS, Milton. 1999. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

TRINDADE, Catarina C. 2011. Convívio e solidariedade: Práticas de xitique em Moçambique. In: CUNHA, Teresa et al. (org.). *Elas no norte e no sul*. Coimbra .

Apêndice

Apêndice I: Guião de Entrevista

Local de residência? _____

Religião? _____

Estado civil? _____

Nível de escolaridade? _____

Origem étnica? _____

Por que participa neste grupo de xitique?

Quem lhe trouxe para este grupo?

De quanto em quanto tempo o grupo se reúne?

Existe uma liderança?

O que faz com o dinheiro que recebe aqui?

O que acha da relação entre os membros do grupo?

Apêndice 2: Fotos do encontro de xitique entre os vendedores

